

Contra a privatização da chuva e pela descolonização da rebeldia

Por Nilma Bentes ¹

A mercantilização/financeirização/precificação da água, se inclui, a rigor, no processo de privatização da chuva. Será preciso dizer que a água é um bem absolutamente importante para a vida neste planeta, que inclui a nossa sobrevivência como seres humanos? Os aquíferos, os rios são formados pelas chuvas, então, toda a discussão do Fórum das Águas está ligada a isso. Por outro lado, a proposta do Prof. Raúl Zibechi, citada pela profa. Esperanza Martinez², da necessidade de descolonização da rebeldia – principalmente na América Latina/AL - deve ser buscada a todo custo, pois nós, a maioria da população desprivilegiada dessa AL e, aqui, particularizando a Amazônia brasileira, estamos sendo bombardeados por propagandas enganosas, sobretudo, veiculadas pela grande mídia financiada pelos negócios agro-mínero-madeireiro-pecuários dominados por corporações multi-transnacionais. Parece um tanto ilógico que se possa descolonizar qualquer coisa uma vez que se fala e se pensa através da língua do colonizador. Seria então só utopia descolonizar a rebeldia? Talvez sim, mas não custa tanto tentar, quando se procura atuar em outra lógica, que não seja, pelo menos, inteiramente eurocêntrica. E como seria isso? Talvez para além das preces a deuses, teríamos que, fugindo do eurocentrismo, buscar em povos originários/indígenas e nos saberes dos povos africanos negros traficados/escravizados, métodos de luta que os estão fazendo sobreviver apesar de genocídios físicos e culturais, nesses mais de quinhentos anos. O desafio é enorme, mas nosso viver pode, sim, sim, pode, mas não deve se restringir somente 'a durar'. Além de manter os já dispostos fisicamente, é preciso dar carne, osso e movimento real-concreto, ao contingente-gente que se alinha e protesta, nas redes sociais, contra a privatização dos bens comuns e contra outras barbáries de

¹ Ativista heterodoxa, do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará-CEDENPA

² ver livro Democracia Acechada: tensiones y tendencias em América Latina –fls.20

sociopatas É preciso acreditar que o Amílcar Cabral estava um tanto enganado quando escreveu o poema **Meu grito de revolta**³:

*" Quem é que não se lembra
Daquele grito que parecia trovão?!
- É que ontem/ Soltei meu frito de revolta.
Meu grito de revolta ecoou pelos vales mais longínquos da Terra,
Atravessou os mares e os oceanos,
Transpôs os Himalaias de todo o Mundo,
Não respeitou fronteiras
E fez vibrar meu peito...
Meu grito de revolta fez vibrar os peitos de todos os Homens,
Confraternizou todos os Homens/E transformou a Vida...
... Ah! O meu grito de revolta que percorreu o Mundo,
Que não transpôs o Mundo,
O Mundo que sou eu!
Ah! O meu grito de revolta que feneceu lá longe,
Muito longe,
Na minha garganta!
Na garganta de todos os Homens*

Amílcar se enganou porque seu grito (mesmo só de homens/machista), atravessou sim, mares e oceanos, muitas fronteiras e chegou até aqui, nesta parte da Amazônia profunda, onde, infelizmente, os silos e portos da Cargil, as balsas lotadas de madeira, as lojas de compra-se ouro, o enorme trânsito de pick-ups 4x4 hylux, mitsubishi, S 10, Ford Ranger e similares, sinalizam o quanto a grande floresta está sendo destruída e o quanto avança a propaganda do uso da 'infraestrutura natural', que significa mercantilização/financeirização/precificação da natureza toda.

Penso não haver mais dúvida que (como afirmam alguns) sem os humanos os outros animais e os vegetais da Terra estariam mais confortáveis e – quem sabe – até felizes, mas nossa sina humana é tentar sobreviver aos males que causamos a nós mesmos e aos demais viventes.

Parece que os mais renomados cientistas ainda não sabem do que é composto o Universo nem como medir o tamanho, o volume, as velocidades internas e externas e a densidade das nuvens na Terra – inclusive as de chuvas -, então, cabe que aumentemos a entropia de nossos neurônios, ampliemos nossas sinapses, mesmo via *preces atéias*, para encontrar as invisíveis chaves das também invisíveis portas para derrotar o que agora

³ <http://www.didinho.org/Arquivo/apoesiadeamilcabcabral.htm>

alguns estão chamando "**lumpemburguesia**" hegemônica (inter e nacional).

Assim, para evitar a total privatização da chuva e tentar descolonizar a rebeldia é preciso - mesmo que ainda agindo como colonizadas-, montar alianças absolutamente confiáveis em favor do 'Bem Viver' e tendo como base a **DECLARAÇÃO FINAL DO FAMA - FÓRUM ALTERNATIVO MUNDIAL DAS ÁGUAS** (2018), a qual, entre outros aspectos, denuncia, como estrutural, o sistema hetero-patriarcal, racista e colonial. Mesmo reconhecendo ser um certo 'gargantismo', 'panfletarismo', minha utopia é ainda de inspiração malcolmxiana: "equidade, liberdade pra todos ou para ninguém".